

O MORTO

Moacyr de Góes

O MORTO
É IMÓVEL.
NÃO PRECISA DE MOVIMENTO,
MESMO QUE TENHA
DIANTE DE SI
TODA A ETERNIDADE.

OS SAPATOS DO MORTO
SÃO PRETOS, DE VERNIZ, DE BICO FINO.
E FICAM MAIS ALTOS
DO QUE A CABEÇA DO MORTO.

OS VIVOS
ORGANIZARAM E POSICIONARAM
O MORTO
NO CAIXÃO,
SEM CONSULTÁ-LO.

ASSIM,
O MORTO SE VÊ NUMA CONTRADIÇÃO:

- LIVRE,
- MAS, PRESO, PORQUE EXPOSTO AOS VIVOS
QUE DESFILAM DIANTE DO CAIXÃO,
COM MEDO.

Brasília - 20.07.84

O TESTAMENTO DO POETA

Para o mestre Zacarias,
o mais velho entre os demais,
a lona de minha cama
para o uniforme de arrais.

Para o Dr. Vulpiano,
comuna de muito lastro,
deixo o que tiver de barba
e o sobrenome de Castro.

Ao Dr. Aldo Tinoco,
parlamentar roncador,
um silencioso para
o seu noturno motor.

Para Moacir de Góis,
cristão entre nove ateus,
o Evangelho de Cristo
segundo João e Mateus.

Ao vermelho Evlim Medeiros,
hoje um tanto desbotado,
um corante que conserve
a côr do seu encarnado.

Para Hélio Vasconcelos,
sempre xingando ~~o mundo~~ UM GORILA
um abraço parecido
com os da irmã de Ercila.

Ao chapa Carlos Alberto,
rádio-amador em recreio,
cabos para suspender
a torre que tem no meio.

Para Francisco Ginani,
um avião de jornal
para voar para a terra
do P.C.B., marechal.

Para Geniberto Campos,
outro cristão entre feras,
a lembrança de Laly
junto a lembrança de Veras.

A Josemar Azevedo,

a lembrança do meu dedo
ou um Preparado-H.

Ao novel José Arruda,
o mais moço que nós temos,
para vestir toda noite:

UMA CAMISA DE VENUS

E para mim, onde esteja,
em outra cela ou cidade,
o que vocês me deixaram:
a dor fela da cidade.

Quarta da PM, em Natal, 13.7.64.